

A DISTÂNCIA DA PROXIMIDADE
- A dificuldade de aprender uma língua fácil -

Rafael CAMORLINGA (UFSC)

Abstract: Since Portuguese and Spanish are cognate languages this paper looks into the facility or difficulty Brazilian students may encounter in learning/acquiring Spanish as L2. According to some researchers the closer L2 is to L1, the easier it is to learn it. Others, however -in line with the saying “good fences make good neighbours”-, think that proximity between L2 and L1 may be a source of interference, thus eventually preventing a progress in the acquisition of L2.

Admitting an initial advantage as regards comprehension, this research points out the risk of fossilization, due mainly to the lack of challenge and motivation. Some items that exist in both languages, but are not totally equivalent are then focused. They are viewed as the touchstone to assess the progress of advanced Brazilian students of Spanish. Unless such problematic units are singled out and dealt with properly, they are going to be a permanent source of inaccuracy, and sometimes may result in a communication break.

0. Introdução

A criação do Mercosul multiplicou os contatos entre o Brasil e seus parceiros hispano-falantes. Como era de se

esperar, as línguas não podiam ficar de lado. Consequentemente, o interesse pelo português junto aos vizinhos incrementou-se, o mesmo acontecendo com o espanhol em solo brasileiro. A pressa para atender à necessidade emergente acarretou muita improvisação, tanto na contratação de professores, quanto na produção de material didático. A própria semelhança das línguas propicia atitudes de “quebra-galho”. No entanto, o conhecimento profissional da língua alvo exige um estudo à altura.

A presente comunicação refere-se ao ensino do espanhol a estudantes brasileiros na etapa avançada do aprendizado. Observa-se que, após terem “deslanchado” e sendo já capazes de resolver quase todo tipo de problemas comunicativos, dificilmente alcançam o domínio de aprendiz cuja língua materna é o japonês ou o alemão, que não contam com a vantagem inicial dos primeiros.

O trabalho inicia-se constatando a semelhança existente entre o português e o espanhol; expõe a seguir as consequências dessa semelhança: vantagem inicial, desvantagem a médio e longo prazo. Para concluir, abordam-se alguns dentre os itens mais problemáticos, que o são justamente por não terem equivalência exata entre as duas línguas. Alguns deles são como que a pedra de toque para detectar o nível de conhecimento que o estudante possui da língua estrangeira.

1. Proximidade

Provar a semelhança entre o português e o espanhol é apenas questão de constatação. O histórico de ambas as

línguas apresenta-as como irmãs que, ao mesmo tempo que reproduzem com bastante fidelidade os traços da mãe comum, aproximam-se muito uma da outra. “De fato, dentre as línguas românicas o Português e o Espanhol são as que mantêm maior afinidade entre si” (P. de Almeida, 1995, p.14). A metáfora do parentesco as considera irmãs; até gêmeas, “aunque no siamesas” (Takeuchi, 1984, p.181). A mesma idéia de afinidade é transmitida através da árvore linguística em que o Português e o Espanhol são representados como pequenos rebentos, um ao lado do outro, do robusto tronco latino (Alatorre, 1979, p.12-13).

A afinidade entre as nossas línguas, porém, não é uniforme, ou seja, não atinge do mesmo modo os diferentes aspectos delas, nem apresenta o mesmo nível entre os diversos falantes. A maior proximidade verifica-se no léxico, uma vez que, tendo ambas haurido a sua “matéria prima” do rico estoque latino (Störig, 1993, p.102), mais de 85% dos vocábulos têm uma origem comum (Ulsh apud P. de Almeida, l.c., p.15). Outros pesquisadores referem-se ao mesmo fato, afirmando tratar-se de “un pequeño número de palabras distintas y una multitud de vocablos comunes” (Takeuchi, l. c., p.182).

Na área sintática a semelhança não é tão conspícua. As divergências neste campo decorrem antes da maior ou menor proximidade com a matriz latina, sendo o português mais fiel à mãe do que a irmã, o espanhol (Vázquez C. et al. 1971, p.406; Störig, l. c., p. 103). Nas orações subordinadas substantivas, por exemplo, o português pode utilizar-se, ou do *que* para unir a principal à subordinada, ou pode dispensar esse conectivo, colocando o verbo em infinitivo:

- (01) a. *Eu sinto que em meu gesto existe o teu gesto.*
b. *Eu sinto existir em meu gesto o teu gesto* (Nicola-Infante, 1994, p.311).

Já no espanhol o uso do infinitivo só é possível quando ambos os verbos do período composto têm o mesmo sujeito:

- (02) a. *He pedido la palabra para informar a ustedes de lo ocurrido* (Real Academia Española, 1982, p. 459).
b. *Pide (él) que le informemos (nosotros) sobre lo ocurrido.*

Por falta, ou de treinamento *ad hoc* desta semelhança, ou de exercício apropriado para incorporá-la ao conhecimento ativo do espanhol, o estudante brasileiro freqüentemente produz formas híbridas:

- (03) *Es importante él no se atrasar/ellos no se atrasaren.*

No campo fonético/fonológico as divergências não são muitas; são, no entanto, suficientes para dificultar a aprendizagem acurada. É pacífico afirmar que o hispanofalante encontra maior dificuldade para proferir os sons do português do que o brasileiro às voltas com a pronúncia do espanhol. Embora cada uma das línguas possua fonemas exclusivos, o material sonoro do português apresenta maior complexidade. Basta comparar as cinco vogais espanholas

com a dúzia delas em português; isso sem mencionar as nasais e sem referência à entoação cuja aprendizagem em nível de “native speaker” é quase impossível, quando oemprendida na idade adulta.

A ambivalência aproximação-afastamento entre as duas línguas aqui abordadas observa-se também no referente às diferentes modalidades e registros. A língua escrita, sendo mais conservadora, apresenta maior afinidade; já a falada, envolvendo também o aspecto da pronúncia e a correlata compreensão auditiva, oferece um nível maior de dificuldade. Além disso, quanto mais os falantes se afastam da “norma culta”, é maior também a distância entre as duas línguas. A recíproca é igualmente verdadeira.

Concluindo, o português e o espanhol são línguas verdadeiramente afins, a ponto de serem consideradas “quase variantes dialetais uma da outra” (Paz de Almeida, l. c., p.15). Em virtude justamente dessa semelhança inexistente propriamente o aluno “principliante”, no opinião do mesmo autor: “Na prática, todo falante de Espanhol já naturalmente conta com conhecimentos e habilidades comuns entre a língua alvo e a língua de partida” (Id., *ibid.*). Obviamente, o mesmo pode-se afirmar a respeito do falante de Português que empreende o estudo do Espanhol.

2. Prós e contras da proximidade

“Good fences make good neighbours”, reza o ditado inglês. Se, portanto, “boas/altas cercas propiciam uma boa vizinhança”, a ausência ou insignificância delas, em contrapartida, produzirá o efeito contrário. E pelo que

acabamos de ver na secção precedente, a divisória entre o português e o espanhol é muito tênue, tornando-se às vezes imperceptível. Por outro lado, verificam-se também não poucas dessemelhanças.

À ambigüidade proximidade-distância antes detectadas corresponderá o binômio facilidade-dificuldade. É uma reformulação do paradoxo que constitui o título da presente comunicação. Consultemos ora os estudiosos do tema no sentido de encontrar a luz necessária para esclarecer o paradoxo. Eles nos dizem, em primeiro lugar, que a dificuldade em se apreender/adquirir uma L-2 é proporcional à falta de semelhança entre ela e a L-1 (Van Els, 1984, p.44). Tem sido feitas, inclusive, tentativas de classificação das línguas segundo o nível de dificuldade. Assim, para os falantes das línguas neo-latinas o grau máximo de dificuldade é apresentado pelas línguas asiáticas (chinês e japonês, seguidas pelo árabe, línguas eslavas e saxônicas), e o mínimo por qualquer uma das línguas românicas (Odlin, 198, p.36-37).

No caso Português-Espanhol, são múltiplos os argumentos em prol da facilidade, sendo o primeiro deles a experiência dos brasileiros que, sem ter estudado o espanhol, “dão um jeito” para se comunicar com os hispanofalantes; estes, por sua vez, quando na necessidade de comunicar-se com aqueles, conseguem sem grande dificuldade. Nas aulas de espanhol a estudantes brasileiros começamos falando a língua alvo já desde os primeiros encontros. É, pois, indiscutível a facilidade quanto à compreensão ou “uso passivo” da língua. Sendo tão grande a porcentagem do léxico comum a ambas as línguas, a

dificuldade para compreender um texto escrito ou uma conversa, é mínima. Uma vez superada a estranheza inicial o aprendiz relacionará facilmente *casa* (pronunciada com /s/) com o homôfona português “*casa*” (com /z/). Algo análogo ocorre com vocábulos como *pasaje*, *equipaje* e semelhantes, ainda que, além da pronúncia, mude o gênero.

Os inúmeros encontros relacionados com o Mercosul e outros eventos que congregam luso e hispanofalantes quase sempre dispensam os intérpretes. Obviamente, isso seria impossível se as línguas em questão fossem asiáticas, ameríndias ou saxônicas.

Curiosamente, no entanto, a própria proximidade torna-se fonte de dificuldade. “L-2 learning problems, however, may also be the result of lack of contrast between L-1 and L-2” (Van Els, l. c., p. 51). Klein W. (1986) é da mesma opinião ao se referir ao “matching problem”. Ele afirma textualmente: “The matching problem tends to become more and more difficult as the discrepancy between the two (languages) diminishes” (p. 62). E um, se não o principal dentre os referidos problemas é o das interferências. Estas são definidas como “presença de elementos da L-1 no uso da L-2, devido ao insuficiente domínio desta última” (Odlin, l. c., p. 27; cf. Hoyos-Andrade, 1993, p.20-21). A princípio, esse tipo de *enxerto* pode ocorrer seja qual for a língua materna do aprendiz (Klein, W. l. c., p.74-78), mas a provabilidade de ele aparecer é maior quando há afinidade entre as línguas materna e alvo. “Na verdade, esse ‘quase falar’, essa ‘criação possível’, essa facilidade, enfim, que o falante de espanhol experimenta ao produzir a palavra, mostra uma

outra face-a da facilidade enganosa e do conhecimento movediço” (P. de Almeida l. c., p.15). Com as devidas ressalvas, o mesmo pode-se afirmar a respeito do luso-falante às voltas com o espanhol.

A compreensão inicial é certamente uma grande vantagem, segundo apontado acima. No entanto, a produção que supere o estágio da sobrevivência não pode contentar-se “con una mezcla llamada popularmente ‘portunhol’, el aprendiz tiene que esforzarse bastante para separar léxica y gramaticalmente las dos lenguas” (Schmitz, 1993, p.35).

O aluno de nível intermediário e avançado que já possui um conhecimento razoável do espanhol deve estar alerta para, no caso de produção espontânea, não aporuguesar termos como *femenino*, *cemento*, *soborno*, *diputado*, etc., uma vez que é apenas um fonema que diferencia o vocábulo espanhol do português. “No son comportamentos difíciles sino resbaladizos para quienes, confiados en la proximidad de ambas lenguas, se limitan a traducir literalmente desde su costumbre de práctica nativa del portugués” (Canellas de Castro Duarte, 1993, p.12).

As opiniões aduzidas e os dados apresentados demonstram que, a vantagem inicial, quando da aprendizagem de uma língua cognata, nem sempre (aliás, raras vezes) culmina no domínio quase perfeito e rápido da língua visada. Muito pelo contrário, o mais provável é estacionar numa *interlíngua*, mais ou menos distante da meta. Facilmente a *fossilização* toma conta, inviabilizando qualquer progresso.

3. Da teoria à prática

Docentes e pesquisadores incumbidos do ensino do espanhol no Brasil e do português nos países vizinhos se têm debruçado sobre algumas das dificuldades específicas encontradas no desempenho da sua tarefa¹. A minha contribuição desta vez consiste na apresentação de algumas expressões que, sendo parcialmente equivalentes, apresentam um certo tipo de dificuldade. O meu trabalho será propriamente um “diagnóstico”, no entendimento de que isso é já um passo importante para se chegar à “cura”.

O estudante brasileiro de espanhol fica surpreso quando constata que *también* na língua por ele estudada se diz, por exemplo, “a trancos y barrancos”, “a quema ropa”, “hacer de tripas corazón”, etc. A semelhança das duas línguas, portanto, não se limita ao vocabulário, inclui também um número considerável de expressões e ditados. Por outro lado, há não poucas equivalências parciais que exigem conhecimento e reflexão, sob pena de escorregar sobretudo na hora da produção espontânea (desempenho). O adverbio *tarde* é igual em espanhol; já *cedo* é bem diferente (*temprano*); o substantivo *progreso* é propriamente igual em ambas as línguas, mas o verbo não: *progredir* - *progresar*; *mostrar* é o mesmo, mas *demonstrar* inclui em português um /n/ que o espanhol dispensa.

Em suma, a coincidência lexical cobre um número enorme de unidades que, ora são idênticas, ora apresentam certas variantes. Muitas destas, por sua vez, têm uma explicação lógica (Siqueira de Marrone, 1990), outras não - na língua, como na vida, nem tudo é coerente (Reyes,

1963).

Vou me referir agora a um limitado número de unidades que, existindo em ambas línguas, a coincidência quanto ao uso é apenas parcial. O aprendiz desavisado, agindo como se existisse total identidade, acaba caindo ou na incorreção ou até no malentendido.

3.1.- *Apenas* (port.) X *apenas* (esp.)

O vocábulo pode confundir tanto quem estuda o espanhol quanto quem estuda o português. Nem sempre é fácil discriminar a área que é comum a ambas as línguas, daquela que é exclusiva de uma delas. Vejamos praticamente, usando exemplos das duas línguas.

Exemplos em português

- 3.1. a. “(foram tomadas medidas) ...*vislumbrando a formação não apenas do profissional, mas também do ser humano*” (Relatório).
b. “...*FHC aproveitou um giro pelo ABC paulista para (...o revelar uma circunstância familiar até hoje apenas suspeita pelo colunista...*” (Jornal).
c. “*A PUC apenas enviou as ementas...*” (Jornal).

Exemplos em espanhol

- d. “*Apenas puedo, trabajo para ganarme la vida*” (El País - Jornal).
e. “*Estos cambios se han producido (...) sin que se den cuenta apenas los hablantes*” (Livro).
f. “*D. quiere unas condiciones de divorcio que*

apenas *fiquen su actual estilo de vida*” (Jornal).

As respostas fornecidas pelos estudantes de graduação e do curso de extensão, ambos dos níveis avançados, foram predominantemente a reprodução do item existente na língua de partida. Assim, em a., b., c. o *apenas* português foi transportado tal qual ao espanhol, enquanto o termo correto teria sido *solo/no solo*. Em d., e., e f., por sua vez, o *apenas* espanhol passou inalterado para o português. Pouquíssimos informantes se aperceberam da incorreção ou inaceptabilidade da frase em português. Assim, por exemplo, em

f. “*D. quer um divórcio que apenas modifique seu atual estilo de vida*”-

soa no mínimo estranha em português. Pior ainda, não transmite a idéia do espanhol. Com efeito, o que a referida senhora pretende é um divórcio que *quase não* ou *mal* toque nos privilégios reais de que ela desfruta. Consequentemente, neste contexto, o *apenas* português não é o mesmo que seu homônimo espanhol.

3.2. O *más bien* espanhol e o equivalente em português

Difícilmente o estudante brasileiro de espanhol usa quando escreve ou fala a língua por ele estudada a locução adverbial *más bien*. Verifica-se aqui o que em inglês chama-se “avoidance”. A observação do Prof. Paz de Almeida F. a propósito dos hispano-falantes que começam a falar

português vale também para os brasileiros engatinhando no espanhol: “Uma percepção frequente (e incômoda) dos aprendentes hispânicos do Português é a de que estão falando ou escrevendo errado a própria língua ao tentar falar ou escrever a língua alvo nos primeiros estágios” (P. de Almeida, l. c., p. 16).

Apresentam-se a seguir três exemplos em português, onde o informante é como que obrigado a usar o *más bien* espanhol; e três em espanhol exigindo o processo inverso.

3.2. a. “*Os livros jaziam (...) fechados... E a sua ocupação*

era antes percorrer o jardim” (Livro).

b. “... *Não creio que seja um desses grupos de telegrama animado. Pelo jeito está más para comissão de ruralistas*”(Jornal).

c. (as dificuldades estão muito longe de serem superadas). “*Elas são, antes, os principais responsáveis pela exacerbação*”(Revista).

Também aqui os estudantes brasileiros deram preferência quase total à unidade da própria língua, transferindo para a L2 a mesma unidade da L1: *antes, más para*. Ninguém soube (ou se apercebeu) que o equivalente certo em espanhol nos exemplos aduzidos é *más bien*. Um único informante encontrou algo equivalente em b. “Pelo jeito está mais para...” - “parece más” (em espanhol).

3.2. d. “*El Consejo de Chicago (...) descubre niveles más*

- bien *considerables de apoyo*” (Jornal).
- e. “*Vigilaba el comportamiento de un ciego...; un hombre más bien bajo sólido*” (Livro).
- f. “...*pero el silencio correspondía más bien a una casa sin habitaciones*” (Livro).

Estes três exemplos são como que o avesso dos três precedentes: nos primeiros a correspondência é *antes - más bien*, nos últimos é *más bien - antes*. Convém salientar que a tendência em favor da manutenção do item fornecido, observada nos exemplos anteriores foi revertida no caso de *más bien*. Pouquíssimos traduziram por *mais bem*. Um número expressivo de informantes inverteu os termos, traduzindo como *bem mais*. Esta combinação é certamente gramatical, mas não dá o conteúdo da expressão espanhola em questão. Outros traduziram o *más bien* pelo advérbio português na forma comparativa: *melhor*. Aqui também salva-se a gramaticalidade, mas a expensas do conteúdo semântico.

3.3. *Sino* espanhol e seus equivalentes em português

A primeira pergunta a ser respondida é até onde o *sino* e o *senão* caminham juntos e onde o caminho se bifurca. Deve-se esquadrihar ainda os rumos que o conectivo segue em cada língua. Podem-se reduzir a três os aspectos relevantes do conectivo espanhol em relação com a mesma unidade do português.

3.3.1. *Coincidência*

Observa-se, em primeiro lugar, que na modalidade escrita, principalmente se literária, as duas línguas apresentam coincidência. Comparemos os seguintes enunciados:

Português

“Por desgraça dele a primeira moeda que achara, não era ouro nem prata senão ferro...” (Aurélio).

- *Aqui, como se sabe, não temos senão uma pretensão de Estado.*

Espanhol

“Los nadies (son aquellos) que... no son seres humanos, sino recursos humanos”. (Livro)

- *“No se encuentra sino lo que se busca.”* (Livro)

Em situações como essas o *sino* e o *senão* mantêm a simetria que os torna intercambiáveis. Contudo não é só esse o uso do conectivo português, sequer é o mais frequente na língua do dia-a-dia.

3.3.2. *Equivalência parcial*

Num segundo grupo de exemplos, encontramos ora *senão*, ora *se não*, em instâncias em que para o espanhol trata-se de uma condicional seguida de negação, portanto é *si no*.

- *Lute, senão você está perdido* (Aurélio);
- *Não concordo não. Desde aquela época já havia controle. senão, vejamos.* (Revista)
- *Facilite troco, se não você leva bala* (aviso).

No primeiro destes três exemplos o próprio autor do famoso dicionário de onde foi tirado explica que será mais adequado usar *se não*, caso houver pausa enfática: “Lute; *se não*, está perdido”. Vejamos o seguinte texto em espanhol em que aparecem tanto o *sino* como o *si no*, cada um com sua função específica:

“Los dioses, en toda su variedad, no serían sino las demás fuerzas naturales divinizadas pôr la religión náhuatl (...) Con lo dicho quedaría señalada, si no es que demostrada, la reducción del politeísmo azteca a una fe monoteísta” (Camorlinga, 1993, p.39).

3.3.3. *Uso típico*

A semelhança, ainda que parcial no caso precedente, torna-se divergência num terceiro uso do conectivo português em relação ao correlato espanhol. Citemos como primeiro exemplo o texto de Don Quijote de la Mancha referente aos moínos de vento. Para o Cavaleiro são gigantes. Sancho, porém, alerta:

“Mire vuestra merced (...) que aquellos que allí se parecen no son gigantes sino molinos de viento”.

Uma das traduções autorizadas da renomada obra ² transmite a idéia eliminando o conectivo e repetindo o verbo principal, que neste caso é *são* (son):

“Olhe Vossa Mercê... que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento”.

Este mesmo recurso, de cunho antes bem literário, é usado na tradução ao português (Galeano, 1995, p.71) do exemplo citado acima:

“Os ninguéns, ... que não são seres humanos, são recursos humanos”.

Na língua do dia-a-dia, contudo, encontram-se outras maneiras de expressar o que em espanhol é expresso mediante o simples conectivo *sino*:

- *A manobra revela, (...) não as qualidades de um bom político, mas sim o que pode haver de pior em um parlamentar* (Editorial - Jornal).

- *Foi na hora dovelório quando abriram o cixão que o malentendido foi disfeito: não era o A. P., o porteiro de 52 anos que estava ali, mas sim outro A. P....*

(Revista).

- *O principal chamariz não é x, mas a possibilidade de as pessoas ganharem dinheiro com o consumismo* (Revista).

Citemos, enfim, mais um exemplo em espanhol em que aparece o *sino* associado com o *que*, e vejamos a equivalência em português:

- *No solo le insultaban, sino que al verlo correr despavorido le arrojaban piedras* (não só/somente insultavam...*como también...*).

Em vista da “simetria assimétrica” detectada no que diz respeito a *sino* e os correlatos em português está na hora de indagar-nos como se saem os estudantes brasileiros de espanhol quando confrontados com a tarefa de tradução e/ou versão. O comportamento preponderante é o observado nas secções precedentes, a saber, tendência a reproduzir o item fornecido: se o exemplo é em espanhol, reproduz-se o *sino*, na forma portuguesa, *senão*; se em português, o *senão* torna-se *sino*, o *mas*, *mas sim* passa a ser *pero*, *pero si*; e assim por diante.

Em virtude da proximidade entre o português e o espanhol, antes discutida, as interferências observadas em relação aos três itens aqui enfocados (*apena*, *más bien*, *sino*) nem sempre interrompem a comunicação, afetando mais freqüentemente a *correção*. Ora, se o que se pretende é “quebrar o galho”, consegue-se com relativa facilidade e com mínimo estudo. Já em se tratando de um conhecimento profissional da língua alvo, não podemos contentar-nos com um “mais ou menos”.

A experiência ensina que, entrar nesse limbo interlingual é fácil e rápido; enquanto sair do mesmo para adentrar-se num conhecimento e uso acurado da língua

estudada é difícil e demorado. A proximidade entre a língua de partida e a língua meta, pode ser uma miragem; mas pode, desde que adequadamente trabalhada, tornar-se elemento facilitador. A palavra está com os metodólogos e os professores.

NOTAS

1. Convêm mencionar principalmente os Seminários promovidos pela *Consejería de la Embajada de España*, a partir de 1993. O evento de 1994 focalizou justamente o problema das interferências (Cf. Referências bibliográficas).
2. CERVANTES, D. *Quixote de la Mancha*. Tradução de Antonio Feliciano de Castillo. W. M. Jackson Inc. Ed. Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALATORRE, Antonio, 1979 Los 1,001 años de la Lengua Española. FCE, México.
- CAMORLINGA, J. M. 1993 El choque de dos culturas (dos religiones). Plaza y Valdez Editores, México.
- CANELLAS DE CASTRO DUARTE, D. M., 1993 Actas del I Seminario de Dificultades específicas para la enseñanza del español a Lusohablantes. Embajada de España, Consejería de Educación, Brasil.
- GALEANO, Eduardo, 1995 O livro dos abraços. Trad. E. Nepomuceno. L & PM, Porto Alegre.
- NICOLE, J. - INFANTE, U. 1994 Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa. Editora Scipione, São Paulo.

- ODLIN, Terence, 1987 *Language Transfer*. Cambridge University Press.
- PAZ DE ALMEIDA F., J. C., 1995 *Português para estrangeiros - Interface com o espanhol*. Pontes Editores, Campinas, S. P.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1982 *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española*. EPASA-CALPE, Madrid.
- REYES, A., De la lengua vulgar. In:1990 *Antología*, (6a ed.) FCE, México.
- SCHMITZ, J. Robert, apud Aladrén - Simas, 1993 *Actas del I Seminario de Dificultades específicas para la enseñanza del español a Lusohablantes*. Embajada de España, Consejería de Educación, Brasil.
- SIQUEIRA DE MARRONE, Celia, 1990 *Português Español - Aspectos comparativos*. Editora do Brasil, S/A, São Paulo.
- STÖRIG, H. Joachim, 1990 *A Aventura das Línguas*. Melhoramentos, São Paulo.
- TAKEUCHI, Nair, La semejanza con la lengua materna: tropiezos para el aprendizaje del español. *Letras*, Curitiba (133) 181-185.
- VAN ELS, Th. et Al. 1984 *Applied Linguistics and the learning and teaching of foreign languages*. Edward Arnold.
- VAZQUEZ CUESTA, P. e MENDEZ DA LUZ, M. A.1971 *Gramática da Língua Portuguesa*. Martins Fontes, São Paulo.